

A criação do Folhetim de Imprensa no Brasil: - os textos de Francisco Otaviano*

**NÓBREGA, Maria do Socorro
Professor Doutor
USP - São Paulo**

Apresentamos aqui um pequeno recorte de um trabalho de pesquisa sobre o surgimento do Folhetim de Imprensa no Brasil, estudo que se circunscreve ao domínio da linguagem no processo de desenvolvimento do jornalismo. O pressuposto é buscar apreender historicamente o fenômeno jornalístico em suas criações de linguagem, as quais, no tempo, se articulam com o ambiente sócio-político e cultural em que está inserido. É, portanto, no plano de campos de discursos (fatos, idéias, experiências) que tentamos apreender formas que marcam o percurso da imprensa e que integram sua organização – sua realidade própria.

As circunstâncias que desencadearam o nascimento do Folhetim de Imprensa no segundo reinado (tempo, espaço, interlocutores) e que constituem o sistema de referência de seu contexto discursivo, permitem recolocá-lo como objeto histórico em termos da tradição da imprensa ocidental e brasileira. O estudo apóia-se em fundamentos teóricos da moderna reflexão sobre a linguagem, trabalhando com um conjunto de conceitos ou formulações de aproximação do texto, para examiná-lo em sua organização mais complexa, em sua potencialidade de comunicação; explora material localizado em jornais fluminenses do século XIX, inédito do ponto de vista de edição livresca. A seleção do *corpus* não poderia ter sido arbitrária, nem a sua ordem de apresentação. Os textos datam da década de 1850 e se referem a escritos que aparecem na seção de jornal denominada “Folhetim”. Os seus autores são jornalistas e escritores que se inscrevem na história do jornalismo e da literatura.¹

* Francisco Otaviano de Almeida Rosa, jornalista, escritor (poeta), jurista, político e diplomata, nasceu no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1825, e faleceu na mesma cidade em 28 de junho de 1894. Bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1845. Regressou ao Rio, onde principiou a vida profissional na advocacia e no jornalismo, nos jornais *Sentinela da Monarquia*, *Gazeta Oficial* do Império do Brasil (1846-48), da qual se tornou diretor em 1847, *Jornal do Commercio* (1851-54) e *Correio Mercantil*, seu jornal (1855-75). Nas palavras de Afrânio Coutinho, “foi uma figura de primeira grandeza do jornalismo no segundo reinado”. [Consultar: Coutinho, A. (1971) – A Literatura no Brasil, 2ª. ed., v.6 RJ, Sul America; (1926), Xavier Pinheiro, *Francisco Otaviano* (escorço biográfico e seleção), Rio de Janeiro.

¹ O folhetim era um espaço tipográfico, no pé da página de jornal, que, por metonímia, se transformou em tipo de texto: qualquer escrito que ali aparece poder ser referido como ‘Folhetim’. No caso do folhetim de imprensa, tem-se um conjunto de blocos de textos, justapostos, separados e numerados com algarismos romanos, correspondendo cada qual a narrativas autônomas. A seção denominada ‘Folhetim do Jornal do Commercio’ era editada no rodapé da primeira e segunda página.

Se desejarmos focalizar os momentos em que se discerne o surgimento de novas formas de jornalismo, é preferível, inicialmente, limitarmo-nos a seus artífices imediatos, para depois averiguar a continuidade dessas manifestações em homens de jornal ou de letras, que participaram do processo de formação da imprensa do país. Assim, um lugar à parte neste estudo cabe a Francisco Otaviano de Almeida Rosa, criador do folhetim. O resgate de seus procedimentos narrativos, até então inéditos e que animam a imprensa da época, põe em evidência o início da trajetória de um gênero de relevante valor para a história do jornalismo.

Dada a limitação deste espaço, a opção é trazer aqui uma restrita amostra desta produção, ilustrada em pequenos fragmentos de textos de Francisco Otaviano. É ele que inaugura o folhetim de imprensa no país, introduzindo, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em 1852, a rubrica “A Semana”, uma iniciativa considerada como o maior acontecimento da vida jornalística do momento.² É, portanto, no chamado FOLHETIM DO JORNAL DO COMMERCIO que Otaviano irá escrever de dezembro de 1852 a julho de 1854.³

No que se refere à documentação do texto-base, tivemos de proceder ao resgate do material na fonte primária: o próprio Jornal do Comércio. Estes folhetins, além dos problemas que normalmente apresentam as edições antigas, colocaram uma série de dificuldades para o estudo: 1) Questões de ordem material: legibilidade de microfilmes prejudicada por defeito do próprio jornal impresso, integridade alterada em decorrência de partes mutiladas por borrões ou falhas do original, e assim por diante. Procuramos solucionar esses problemas, compulsando outros exemplares de microfilmes e, em certos casos, o próprio original; 2) Questões de autenticidade: o anonimato que o jornal, muitas vezes, reserva ao jornalista, ao escritor, coloca o problema de determinação de autoria, sobretudo em se tratando da imprensa do século XIX.

Para a busca da gênese destes escritos, seguimos o percurso indicado para um trabalho rigoroso de edição. Procedemos a um exaustivo levantamento de informações e críticas sobre o autor - em jornais, revistas, anais de instituições oficiais e obras bibliográficas; procuramos recensear toda a obra de Otaviano para, dentro dela,

² Cf. Xavier Pinheiro, op.cit.

³ Quase todos os “Folhetins do Jornal do Commercio” foram adquiridos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, através de microfilmes e cópias fotostáticas. Estabelecemos o texto dessas edições com meticulosa observância das normas de fidedignidade e integridade. Até o momento, mantivemos a ortografia dos originais.

localizar seus folhetins; levantamos os dados biográficos que a ele se referem como o autor destes textos. Aliás, nas páginas do próprio *Jornal do Comércio*, encontramos um artigo na edição comemorativa de 27 de outubro de 1927, intitulado “Os nossos folhetins”, onde Francisco Otaviano é mencionado como o autor que escrevia “A Semana”, no período de 12 de dezembro de 1852 a 02 de julho de 1854. Outra fonte incontestável é sua correspondência pessoal, quando ele fala do sucesso de seus folhetins no *Jornal do Comércio*. (Rosa, 1977).

O folhetim de imprensa – dados históricos

A história do jornalismo francês registra a figura do abade Geoffroy como a primeira personagem a ser escolhida para relatar a edição de obras de teatro numa seção especial criada no “*Jornal de Débats*”, em fins do século XVIII. A seção enquadrava-se no espaço inferior de suas colunas (‘au rez-de-chaussée’, como se referem os franceses). Essa pequena parte – denominada ‘petite feuille’ ou ‘feuilleton’ (folhetim) - vai ampliando seus temas para a crítica da arte e da ciência em geral, culminado por apresentar textos de ficção (romances, novelas, contos). Segundo os historiadores, a liberdade que, nesta época, não existia na parte superior do referido jornal, encontrou, neste rodapé, um verdadeiro abrigo.⁴ Era aqui que, ao lado de temas ligados à história, filosofia ou moral, encontravam-se, sob a forma de efemérides políticas e literárias, as questões nacionais que então se agitavam.

A partir, portanto, dessa seção no jornal, onde se comentavam textos de teatro, sucedem-se as variantes de folhetim: o de crítica de artes, o folhetim musical, bibliográfico e outros, e, num segundo momento, década de 1830, o célebre “folhetim literário” - a edição seriada de romances ou novelas publicadas nos jornais.

Mas, além dessa variedade de folhetins, há registro de um outro tipo, praticado nos primeiros anos do século XIX, que é denominado “feuilleton-causerie”. Era uma modalidade de texto que se adaptava à discussão de todos os assuntos, aproximando-se, assim, de uma conversação (“causerie”), prática de linguagem com raízes na tradição cultural francesa e que passava a ser cultivada nos jornais. O folhetim de imprensa é, portanto, o resultado não só daqueles primeiros textos publicados no rodapé, mas,

⁴ Cf. a obra de Eugène Hastin, *Histoire politique et littéraire de la presse en France*, sobretudo os capítulos ‘*Jornal de Débats*’ e ‘*La Presse sous la Monarchie de Juillet*’, respectivamente, v.7, pp.437-79 e v. 8, pp.47-84.

sobretudo, da apropriação de uma forma que pertence, ou é muito próxima à “causerie” (conversa/conversa), um procedimento discursivo definitivamente resgatado pela imprensa diária.

Deste modo, essa prática de comunicação aplicada aos jornais surge, na França, quando as condições técnicas, sociais e políticas ainda não favoreciam a expansão dos periódicos. Também vai coincidir com os primeiros passos de uma imprensa que procurava atrair o público e ampliar a faixa de leitores. Mas, de fato, o que caracteriza essa ‘grande imprensa’, que então despontava, não era propriamente o número de tiragem, mas a recriação de uma práxis lingüística antiga, orientada agora para um novo público (camadas da burguesia). Essa transposição ocorre no ‘modus’ da narrativa e, conseqüentemente, no plano da interlocução com os leitores.

No país, tomando-se por referência o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, podem-se acompanhar, a partir do exemplar número 1, de 1º de outubro de 1827, as primeiras edições do célebre rodapé. Esse espaço vai aparecer em 1º de outubro de 1928, com a denominação “miscellanea”, que já é uma importação de uma das variantes dos folhetins da imprensa francesa e versava sobre notícias de óperas, *ballet* e concertos. Somente em 1850 é que se cria a seção denominada “Folhetim do Jornal do Commercio”. No início, não abrigava o artigo de folhetim; destinava-se à publicação de romances-folhetins, espaço onde se revezavam os folhetinistas literários europeus – A. Dumas, Eugène Sue e outros. Em 25 de outubro de 1851 começam a aparecer ali artigos de crítica teatral, renunciando a variedade dos nossos folhetins.

Um pouco mais tarde, a partir de 12 de dezembro de 1852, o rodapé passa a ser ocupado por uma diferente forma de escritura jornalística. Nasce aqui o típico folhetim de imprensa - narrativa bastante personalizada, de cunho dialógico, suscetível de usar procedimentos da língua literária -, que tem como matéria básica os fatos cotidianos, a notícia. Nos primeiros escritos de Otaviano já encontramos um “compte rendu” da semana - um relato dos acontecimentos – entremeado de análise e reflexões, numa prosa fluente e variadíssima, muito próxima à prática da “causerie”, a conversa culta e refinada. Qualquer que seja a feição desses folhetins, configura-se uma expressão moderna de jornal que se dá a conhecer, cada vez mais, sob a denominação de “crônica”, uma forma de texto muito apreciada na segunda metade do século XIX e no decorrer do século XX, tanto na França quanto no Brasil.

Assim, o aparecimento desse novo espaço no jornal coincide, também no Brasil, com o estágio de uma imprensa que abria suas páginas para a literatura, exercendo sobre ela considerável influência. Eis por que a sociedade fluminense está reconstituída tanto nesses folhetins de imprensa quanto nos romances-folhetins, os quais documentam todo o quadro de mudanças econômicas e sociais ocorridas no Rio de Janeiro desde o início da segunda metade do século XIX. Queremos aqui observar que a matéria-prima do folhetim de imprensa é a mesma que alimenta a ficção dos escritores da época. A começar por Francisco Otaviano, o real que perpassa esses textos é o próprio cotidiano fluminense – os acontecimentos diários, a observação da vida, a crítica sócio-política, os hábitos e costumes, a sociedade da Corte, os perfis humanos, - matéria de folhetins de imprensa, de romances e de teatro.⁵

O projeto de escritura

É na edição de 12 de dezembro de 1852 que Francisco Otaviano de Almeida Rosa inaugura o folhetim “A Semana” no *Jornal do Comércio*.

Um convite a uma conversa - eis a fórmula de abertura deste novo texto da imprensa.

“Céu azul, manhã serena, coração folgado
 Conversemos.
 Conversemos sobre modas, bailes, teatro, romances,
 salões, música, poesia.
 Conversemos sobre política.”

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 12 de dezembro de 1852).

Conversar é um ato de linguagem que implica interlocução, diálogo e, na presente circunstância enunciativa, troca de informações entre os participantes. Não podendo, obviamente, ocorrer aqui uma viva situação interpessoal, um falar e responder em presença, o convite à conversa é uma estratégia do emitente do texto. Trata-se de uma proposta cooperativa com função discursiva: - uma conversa se estabelece quando há um objeto ou interesse comum entre os interlocutores. Além disso, no plano interno da elaboração textual, o diálogo é a componente que vai organizar e conduzir as informações.

⁵ Os folhetins despontam em suas diferentes formas, quando o Império está com sua estrutura consolidada, possibilitando um significativo quadro de mudanças para o país. Nele se registram todas essas transformações: na área econômica, com seus desdobramentos; na área cultural (movimentação literária, artística e manifestações populares) e na área mundana (os costumes da alta sociedade fluminense).

Desde o início, Otaviano configura o sujeito-leitor com quem espera conversar. Ao circunscrever os campos de discurso, ele institui, de saída, a correlata competência de seus potenciais interlocutores. A temática é, portanto, um signo de seleção de audiência, que conota nível social ou grau de cultura. No entanto, seus folhetins irão mostrar que esse público vai compartilhar uma conversa motivada por imenso universo diegético: a notícia, os acontecimentos diários, a vida política, os assuntos nacionais, o ‘fait divers’, a vida cultural, os eventos relacionados aos círculos da sociedade etc.

Vamos ilustrar, em curtíssimos trechos, alguns procedimentos de linguagem do narrador-repórter destes folhetins, um actante muito consciente da forma, das modelações discursivas, conquanto não se afaste do fazer jornalístico.

Os campos de discurso, a representação dos eventos

Dentre os blocos de composição do folhetim, aparece, com frequência, a narrativa da testemunha ou observador. O hipismo, por exemplo, é um dos acontecimentos para o texto de reportagem social. O folhetinista faz um relato das corridas do Prado, destacando a audiência presente às galerias e à tribuna imperial. É um observador que se preocupa de tal maneira com a vivência e exatidão dos lances que o leitor se depara com uma verdadeira linguagem visual, típica das transmissões dos *media* eletrônicos de hoje. Ou seja, é a própria ação que se passa sob os nossos olhos - um verdadeiro relato por imagem verbal:

‘Abrão espaço! ahi vem os cavallos relinchando, sacudindo as crinas, expandindo as ventas; ahi vem os *grooms*, puxando-os vagarosamente; ahi vem os jokeis, que depois de examinarem bem os seus cavallos, saltão airosamente no selim e se perfilão á espera do ultimo grito”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, ‘A Semana’, 11 de junho de 1854).

A reconstituição da cena, tal como é percebida, faz-se por esta modalidade dramática de contar:

“O sino dá compassadamente os signaes do estylo. O director da sahida profeta a palavra derradeira: Partão! Ei-los que se arrancão da primeira raia, firmão-se nos estribos, dobrão o corpo e o alongão como se quizessem abraçar-se com o pescoço dos animaes, proferem cada qual o seu grito ou signal de animação, usão, sem descanso, do rebenque ou da chibatinha, e devorando o espaço, sem respirarem, sem pensarem no perigo e na morte, voão como a setta, como palavra transmittida pela electricidade, até á segunda raia, ponto de parada, alvo da corrida, campo da victoria!”.

[...]

‘Correi, correi, bravos mancebos! – Quem aposta pelo jokey escarlata e preto (...)? (...) – Topo e dobro a parada pelo picaço – Lá vai elle... – Não: é o verde que vence. (...).

(F. Otaviano, *ibidem*).

Essas passagens, em que o narrador mostra mais do que conta e simula uma coincidência temporal entre a história e a narração, ajustam-se perfeitamente à natureza do evento. É um relato em que o enunciador interfere diretamente, visto que argumenta a favor das corridas, mostra seus positivos reflexos econômicos, reporta-se a experiências européias, expõe sobre tipos de raças etc, dando, também, um quadro da competição em vários estados do país. Outras informações associadas ao evento (remetidas a fontes ou referências) complementam a reportagem.

O desejo de influenciar fica explícito:

“É tempo de aproveitar-se a disposição dos animos para se instituir na côrte uma sociedade promotora da equitação e do desenvolvimento da raça cavallar (...)”.

(F. Otaviano, *ibidem*).

O discurso político

No trabalho de condensação dos acontecimentos, o folhetinista, com muita ocorrência, relata os fatos que se verificam na esfera do poder, trazendo discussões ou julgamentos acerca deles. Deste modo, ao examinar a reforma judiciária do governo, Francisco Otaviano apresenta seu ponto de vista, reportando-se a valores e à práxis em torno da questão:

“O projecto do Sr. Ministro da justiça, para nós, ficaria optimo se a par das grandes attribuições conferidas aos juizes de direito encontrassemos a sua exclusão das lutas eleitoras. Todo o prestigio, todas as vantagens, ordenados pingues, privilegio de fóro, jurisdicção elevada, tudo isso dê-se aos juizes; mas ao mesmo tempo não se dê entrada em seu coração ás paixões politicas, aos rancores de partido, ás ambições eleitoraes”

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, A Semana, 14 de julho de 1854).

[...]

“Querem o jury sem pêas; querem a imprensa, não só como meio de discussão, mas ainda como instrumento de diffamação; querem tudo quando possa tender para desacreditar as melhores garantias populares, (...)”.

(F. Otaviano, *ibidem*).

Em ritmo oratório, utiliza-se enfaticamente de repetições, cita o eloqüente autor Malouet, enumera os atributos que se devem negar aos juizes, para concluir:

‘Eis aqui a ferida que mais urge pelo remedio. Esta é que é a verdadeira reforma a que aspirão os liberaes, corcundas e moderados, porque todos são interessados em arredarem a justiça de uma arena empoeirada, e ás vezes sanguinolenta’.

(F. Otaviano, *ibidem*).

Ao informar sobre o reinício dos trabalhos da Câmara de Deputados, um discurso crítico reage às desculpas da falta de quorum para as reuniões da Câmara. O estilo dramático irrompe pela reprodução de falas (de várias personagens), que não deixam de ser o simulacro da enunciação de um discurso político:

“Que calamidade! Dizia ainda no sabbado de manhã o verdadeiro patriota: atire-se ás faces do paiz um véo de luto (...)”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 14 de maio de 1854).

[...]

“Que insulto! Dizia um órgão da imprensa periodica: que negligencia imperdoavel. Criminosa, atroz!”.

(Idem, *ibidem*).

Num certo tom de humor, a narrativa vai apontando as causas pelas quais os deputados não se reuniram: descontentamento com o ministério. Esse motivo abre, nos moldes de um texto de teatro, outro quadro que, agora, traz à cena novos atores, os ministros titulares do governo, que passam a ser caracterizados por suas reações à atitude dos parlamentares. No final, esses episódios levam o narrador a exprimir-se em tom quase patético:

“Oh! (...) Sombras respeitaveis dos congressos, dos tratados de paz, das embaixadas extraordinarias, das allianças de familia! Que direis vós, se sombras pudessem fallar, contemplando este triste espectáculo contra o qual se revolta a opinião publica”.

(F. Otaviano, *ibidem*).

O espaço do ‘fait divers’

Os assuntos dos ‘faits divers’ – de fatos trágicos a pitorescos, de celebrações de datas ou festas a eventos vários do mundo social – são habitualmente matéria-prima dos folhetinistas. Se os fatos pertencem à ordem do trágico ou cômico, a narrativa se organiza numa clara referência à literatura, ou em forma literária – um recurso concreto para contornar a língua corrente. Neste trecho, ao relatar um suicídio, Otaviano faz alusão às páginas de Werther para, a seguir, perguntar-se em tom solene sobre a causalidade do ato:

“Teria sido grave? O insensato teria lutado contra a torrente? Despenhou-se no abysmo fascinado por alguma illusão, arastado pelo vertigem de uma dor sem esperanza?”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 20 de novembro de 1853).

Outra narração, em bloco paralelo, contrapõe-se a esse relato trágico: trata-se, agora, de um incidente pitoresco, quase uma historieta cômica. O esquema é sempre o mesmo: sumariza-se o episódio (um cidadão que foi preso por haver contraído mais de um casamento) e comenta-se a ocorrência. O comentário é a alma desse tipo de jornalismo, o momento da digressão (as digressões de Otaviano nunca se dissociam de sua cultura livresca, inserindo na narrativa elementos críticos, filosóficos e outros).

Nesta passagem, a digressão, com fino humor, apresenta-se sob a forma de conjectura de fábulas congêneres:

“(...) talvez no fim de sua odyssea o nosso viajante pudesse contar tantas legítimas Evas quantas sem arredar pé de seu palacio tinha o sabio rei Salomão”.

[...] ‘Ah! que se não fora a policia, essa importação europea que veio a pulluir a virginidade da America, segundo exclamava Robert Macaire, quantos e quantos sujeitos de meu conhecimento andarião perigrinando de villa em villa, de provincia em provincia, de reino em reino, so para ouvirem no campo de Josaphat a algazara de suas Lucrecias”.

(F.Otaviano, *ibidem*).

O real como objeto de reflexão, os assuntos nacionais

De modo recorrente, o folhetim “A Semana” reserva espaço para a análise dos assuntos nacionais: finanças, educação, saúde, justiça e muitos outros. Um objeto de crítica e discussão, por exemplo, é a reforma de instrução na Corte, considerada uma problemática de ordem nacional. Identificando, em primeiro lugar, a questão da educação como “grave necessidade do país”, num distanciamento marcado pela referência a estatísticas, Otaviano estabelece uma relação lógica de consequência entre a ignorância e a criminalidade. A seguir, constata situações, apresenta diagnóstico e propõe medidas dentro de um julgamento daquilo que lhe parece legítimo e obrigatório.

“Para mim a questão principal, a grande questão, quando se trata de instrução publica, é a reforma do clero. O governo que, por meio dos seminários e auxiliado pela severidade e rigidez dos diocesanos, dotasse as nossas freguezias, principalmente as do interior, com parachos intelligenes e dedicados, faria o paiz o maior de todos os serviços. (...)”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 17 de abril de 1853).

O universo diegético, textualidade e leitor

Na verdade, o folhetim de imprensa traz a marca de uma narrativa que apresenta e julga o real com nítida interferência de um narrador-repórter que confronta a ordem instituída, mostra insatisfação diante dos fatos. Afirma-se assim como um jornalismo aberto, dinâmico, revelando bastante independência do ambiente político e econômico. Qualquer matéria aqui pode ser inserida em múltiplos contextos (sociais, culturais, existenciais) e a unidade desse universo de referências é visivelmente fundada na apreensão ou auscultação da linguagem.

A defesa dos jesuítas, por exemplo, é um dos motivos que levam Otaviano a fazer todo um trabalho de indução argumentativa, referindo-se não só ao abstrato mundo espiritual, mas à sagrada tradição do clero. É um narrador-repórter que se vale da história, do valor dos sermões (literário, teológico, filosófico), da poesia, para

mostrar a relação da religião com a vida do homem – num criativo esforço para dividir com o leitor a expressão de suas convicções. Noutros contextos, procedimentos na mesma linha são recorrentes, determinados pela necessidade de pôr em nova forma a notícia e fazer o público interagir.

Vemos assim que o objeto do folhetim de imprensa é bastante definido: pretende-se uma forma de conversação sobre os múltiplos fatos da atualidade e, conquanto pareça coincidir com o objeto da imprensa tradicional, o que está em jogo é a inovação, que se afirma não só pela representação que confere ao real, mas pela atitude ou consciência de interatividade.

Deste modo, Otaviano quer, a todo custo, evitar temas que não motivem sua audiência:

“E que te importa saber que a faculdade ainda não decidio se a febre amarell era contagiosa ou não?”.

[...] Queres assunto mais alegre: um epithalamio em vez de nenias”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 06 de fevereiro de 1853).

E a seleção das matérias pode estrategicamente vir do diálogo:

“Como vamos de política, de nomeações, de promessas, de mallogros?”.

(F. Otaviano, *Folhetim de Jornal do Commercio*, 18 de setembro de 1853).

Muitas vezes ele espera de seu interlocutor a aptidão reflexiva para tomar consciência de uma realidade social. Num dos momentos, evoca Dante, em obra de Macauley, para falar sobre os partidos políticos do Império. Veja-se a passagem:

“Dante nos diz (observa Macauley) que vio em um dos circulos do seu inferno o estranho encontro de um homem e de uma serpente. Os dous inimigos, depois de se haverem estraçalhado reciprocamente, parão e se examinão: estão involtos em um espesso nevoeiro e de improviso começa a operar-se uma maravilhosa metamophorse: cada uma destas duas creaturas se vai transfíгурando na semelhança da sua contraria; a cauda da serpente parte-se em duas pernas; as pernas do homem tranção-se em uma cauda; o corpo da serpente desprende dous braços; os braços do homem entrão-lhe pelo corpo. Enfim, a serpente põe-se em pé, com todas as fórmas do homem e fala; - o homem mingua, serpêa e foge sibiliando. “Eis aqui nossos partidos”.

(F. Otaviano, *Folhetim do Jornal do Commercio*, “A Semana”, 16 de janeiro de 1853).

O tratamento da matéria jornalística se dá em função de uma metáfora – a serpente, construindo uma enunciação marcada pelo desejo de o narrador compartilhar sua opinião com o ouvinte (o julgamento de que o político e a serpente têm o mesmo instinto, a mesma pele). É assegurado, portanto, ao folhetinista, o direito de persuadir, não importa a modalidade da focalização, o tom da representação ou a poética de que se vale.

A análise continuaria mostrando o significado da criação de uma forma de jornalismo que também instaura um meio de a sociedade captar não só a linguagem do

presente, mas também a do passado. É possível dizer que este espaço de jornal absorve o legado de toda uma tradição cultural como fonte e inspiração para novos procedimentos comunicativos. Eis aqui um forte traço de modernidade destes folhetins nacionais.

No início desta exposição, esclarecemos que nosso objetivo era dar a conhecer uma pesquisa sobre uma particular manifestação da imprensa brasileira, ocorrida no século XIX. O foco é a exploração da linguagem, aqui percebida como um objeto capaz de definir/marcas as inovações/transformações ocorridas no desenvolvimento do jornalismo. O folhetim ‘A Semana’ do Jornal do Comércio representa uma nova forma de comunicação, um diferencial de narrar e interagir com o leitor. De outra parte, o aspecto diacrônico deste material constitui, sem dúvida, uma hipótese de trabalho fecunda para se entender um momento da vida brasileira, uma vez que, como jornalismo, este folhetim não fugiu ao testemunho de época, às ideologias, nem às determinações diretas da história.

Bibliografia e Referências

1. Textos de Francisco Otaviano de Almeida Rosa

ROSA, Francisco Otaviano de Almeida (1870). Tratado da Tríplice Aliança. Discurso do Senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa, na sessão de 13 de julho de 1870. *Anais do Senado*. Rio de Janeiro. v.2, pp.86-119.

_____ (1887). *Questão militar*: discursos proferidos do Senado e na Câmara dos Deputados pelos Excelentíssimos Senhores Barão de Cotegipe, Saraiva, Francisco Otaviano, Affonso Celso e Silveira Martins. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887. pp.27-31.

_____ (1977). *Cartas de Francisco Otaviano*. Coligidas, anotadas e prefaciadas por Wanderley Pinho. Estabelecimento de texto de Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL. 298P. (Col. Octalles Marcondes Ferreira. Estudos Brasileiros, 11).

PINHEIRO, José Pedro Xavier (1926). *Francisco Octaviano*: esboço biographico e selecção. Rio de Janeiro, Ed. da Revista de Língua Portuguesa. 481p. il. (Coletânea

que traz ampla seleção de poesias originais e de traduções até então inéditas ou já publicadas).

2. Textos e referências sobre Francisco Otaviano de Almeida Rosa

FREIRE, Laudelino (1923). Francisco Octaviano. In: FREIRE, Laudelino. *Clássicos brasileiros: breves notas para a história da literatura philologica nacional*. Rio de Janeiro, Ed. da Revista de Língua Portuguesa. v.1, pp.217-229.

LACOMBE, Americo Jacobino (1971). Literatura e jornalismo. In: COUTINHO, Afrânio, ed. *A literatura no Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro, Sul Americana. v.6, cap.49, pp.75-9.

MONTORO, Carlos Reinaldo (1861). Francisco Otaviano de Almeida Rosa. *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*. t.III: 495-505.

NABUCO, Joaquim (1975). A sessão de 1857: Otaviano Jornalista. In: Nabuco, Joaquim. *Um estadista no Império*. Intr. Afonso Arino de Mello Franco. 4ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar. pp.324-29. (1ª ed. de 1897-1899). (Biblioteca Luso-Brasileira: Série Brasileira, 33).

PINHEIRO, José Pedro Xavier (1926). *Francisco Octaviano: carioca ilustre nas letras, no jornalismo, na política, na tribuna e na diplomacia*. Escorço biographico e seleção. Rio de Janeiro, Revista de Língua Portuguesa. 447p. il.

SERPA, Phocion (1952). *Francisco Otaviano: ensaio biográfico*. Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira. 224p. (Col. Afrânio Peixoto, Biblioteca de Cultura Nacional: III Bio-Biografia).

3. Bibliografia Geral

ADAM, Jean-Michel (1985). *Le text narratif: précis d'analyse textuelle*. Paris, Fernand Nathan. 240p. (Coll. Nathan-Université).

ANDRE-LAROCHEBOUVY, Danielle (1984). *La conversation quotidienne: introduction à l'analyse sémio-linguistique de la conversation*. Didier-Crédif. 196p. (Coll. Essais).

AUEBARCH, Erich (1971). *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental. /Mimesis – Dargestellte Wirklichkeit in der abendlandischen Literatur/*.

- Trad. George Bernard Sperber. São Paulo, Edusp & Editora Perspectiva. (Col. Estudos).
- BARBOSA, João Alexandre (1974). *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo, Ática. (Ensaio, 8).
- BARTHES, Roland (1964). *Essais critiques* (1964). Paris, Du Seuil. (Col. Tel Quel).
- BELLANGER, Claude (1969). *Histoire générale de la presse française*. Paris, PUF, 3v.
- BENITO, Angel (1982). *Fundamentos de teoría general de la información*. 2ed. Madrid, Piramide. 360p. il. (Col. Medios).
- CAMPOS, Haroldo de (1976). *A operação do texto*. São Paulo, Perspectiva, 157p. (Col. Debates).
- CÂNDIDO, Antonio. (1985). *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 139 p (Biblioteca Universitária, série 2ª. – Ciências Sociais).
- CHKLOVSKI, Victor (1973). *Sur la théorie de la prose*. Traduit du russe para Guy Verret. Lausanne, Editions L'Age de l'homme, S.A. (Coll. "Slavica").
- DOVIFAT, Emil. *Periodismo. /Zeitungslhre/*. Trad. Felix Braner. Mexico, Uteha. 2v. (t.II, parte IV, item 4, d. El folletín y su estilo).
- ECO, Umberto (1986). *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. /Lector in fabula – La cooperazione interpretativa nei testi narrativi/*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo, Perspectiva. (Original de 1979).
- FLAHAULT, François (1979). Le fonctionnement de la parole. *Communications. La Conversation*. Paris (30): 73-7.
- GENETTE, Gérard (1983). *Nouveau discours du récit*. Ed. Du Seuil. (Coll. Poétique).
- GRICE, H. PAUL (1975). Logic and Conversation. In COLE, P and MORGAN, J. (Eds). *Syntax and Semantics*, vol 3, Speech acts (pp.41-58). New York, Academic Press.
- HASTIN, Eugène (1861). *Histoire politique et littéraire de la presse en France*. Paris, Poulet-Maillès et de Broise, 8v. [Cf. v.7, pp.437-79 'Jornal de Debats'; v.8, pp.47-84 'La Presse sous la Monarchie de Juillet'].

- HOHEMBERG, John (1962). *Manual de Jornalismo./The professional journalist/ Trad.* Ruy Jungman. Editora Fundo de Cultura, 543p. (Biblioteca do Homem Moderno).
- JORNAL DO COMMERCIO (1927). Os nossos folhetins. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 1º out. 1927. p.59.b.
- LAUFER, Roger (1980). *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos. /Introduction à la textologie: vérification, établissement, édition des textes/*. São Paulo, Perspectiva. 146p. il. (Col. Estudos, 54). (Original de 1972).
- MELLO, José Marques de (1987). A crônica como gênero jornalístico na imprensa luso-brasileira e hispano-americana: contrastes e confrontos. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, Intercom (56): 19-28, jan-jun).
- PENA, Martins (1965). *Folhetins: a semana lírica*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. 389p.
- PESSÉL, André (1979). De la conversation chez les précieuses. *Communications*. Paris, Ed. Du Seuil (30): 14-30, 1979.
- SCHOLES, Robert & KELLOG, Robert (1977). O legado oral na narrativa escrita. In: SCHOLES, Robert & KELLOG, Robert. *A natureza da narrativa*. São Paulo. McGraw-Hill. pp.11-56 (Original de 1976).
- SODRÉ, Nelson Werneck (1983). *História da imprensa no Brasil*. 3ed. São Paulo, Martins Fontes. 503p (Ensino Superior).
- TODOROV, Tzvetan. (1980) *Poétique de la Prose*, Paris.Ed. du Seuil, 189p.(Cool. Points: Litterature).
- _____. (1981) *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique* suivi desw écrits du cercle de Bakhtine. Ed. Du Seuil, 319 p. (Coll. Poétique).
- VARIN D'AINVELLE, Madeleine (1965). La conversation savante. In: VARIN D'AINVELLE, Madeleine. *La presse en France: genèse et évolution de ses fonctions psycho-sociales*. Paris, Presses Universitaires de France.
- WHITE, Hayden (1978). The fictions of factual representation. In: WHITE, Hyden. *Tropics of Discourse*. Baltimores, Johns Hopkins, University Presse. pp.121-134.